

NOVA COSTA de OIRO

Edição 42*1 de Abril de 2020* Mensal* Gratuita
Director: Carlos Mesquita

Lagos

Abril de 1974

Correio DE Lagos

O seu Jornal das Terras do Infante, encontra-se nas seguintes bancas:

Papelaria Calypso Conceição e Domingos, Lda
Papelaria Aquarela Tempera e Tempera, Lda Soc. Quotas
Letrafluente - Unipessoal LDA
Papelaria Compasso
Quiosque Torraltinha
Tabacaria América
Ponto Final - Livraria, Papelaria e Tabacaria Lda
Papelaria Excêntrica
Quiosque Portas de Portugal
Papelaria Garrett
Tabacaria Natal
Papelaria Pingo Doce
Bombordo Tabacaria
Pulsarletras, Lda
Kantinho do Tabaco - Tabacaria Unipessoal, Lda
(Supermercado Batista)
Tabacaria Spar Brumas e Desafios, LDA
Papelaria Contraste
Papelaria Tabacaria Filipa S. P. Romão
Sagres Salmonete
Quiosque Duas Palmeiras
Algazur - News, Lda
Maré de Sorte - Papelaria, Tabacaria & Jogos Santa Casa
Budens Intermaché Tabacaria

JL Unipessoal, Lda

Rua D. João Xavier, nº 6,
8600-574 Lagos, Portugal
+351 282031700 | +351 966 754 800
E: correiodelagos@gmail.com
Site: correiodelagos.online
f t : @correiodelagos



Momentos Históricos

Páginas 4 e 5 - A Peste Bubónica no Porto em 1899 e as suas lições
Por **Artur de Jesus**

Páginas 6 - Memória - A Nova Costa de Oiro, Abril de 1996

Páginas 8 a 13 - A Abrir / Tema de Capa - 25 de Abril de 1974, em Lagos - «O Dia da Liberdade»

Páginas 14 e 15 - A Abrir / Tema de Capa - 25 de Abril - Cronologia

Páginas 16 - A Abrir / Tema de Capa - Era proibido!

Páginas 20 e 21 - Ruas da Nossa Terra

A Rua 25 de Abril

Páginas 22 e 23 - Olhares- Postais da cidade de Lagos

Páginas 24 e 25 - Olhares - Lagos Ontem e Hoje

A Rua Garrett e os Táxis e

(Não foi) Mercado de Escravos

Páginas 28 e 29 - Gente da nossa terra

João Cidade, São João de Deus

Por **Artur de Jesus**

Página 32 - Aos Países - De pequenino...

5 intervenções no parto que podem interferir na amamentação

Por **Ana Custódio**

Página 33 - Clube das Comisquices - Fazer «pão ázimo», em casa

Por **Epicuro**

Página 35 - Coleccionismo -Coleccionar é aprender

Uma moeda do Algarve

Por **Alberto Praça**

Páginas 36 e 37 - Exposições

Páginas 38 e 39 - O imprevisto aconteceu e...

O morto-vivo

Por **José Francisco Rosa**

Página 40 - O Cantinho do Poder - Homem atirado borda fora ou como um filme de piratas se assemelha à vida real

Páginas 41 a 43 - Leituras: «Decameron», »Alvorada em Abril» e «Houve Fascismo em Portugal»

Página 44 - Músicas - Respect, com a Orquestra Ligeira de Lagos

Página 45 - Músicas - Damos-lhe música no SPOTIFY

Página 46 - Em Maio, na Nova Costa de Oiro



Nos meus pouco mais de 55 anos, vivi dois momentos históricos e marcantes, no nosso quase milenar País.

O primeiro ocorreu em 25 de Abril de 1974,

quando uma Revolução planeada e executada pelo Movimento das Forças Armadas, que contou com forte apoio popular, pôs fim à tenebrosa ditadura fascista, que estava no Poder desde 1926. Eu era então muito jovem, para perceber o que esse dia significava. Hoje sei e entendo-o. Liberdade é «tudo» e é «só isso»: tudo! E não era, nem é pouco, o «isso tudo», o ser-se Livre. Poder dizer-se o que se pensa, votar sem coacção nem falcatura, ter direitos e ter garantias. Ver os filmes que nos apetece, ouvir as músicas que gostamos, ler os livros que queremos. Enfim, podermos escolher, sem espartilhos, nem mordanças. Não há, certamente não há, bem mais precioso do que a Liberdade e tudo o que esta nos trouxe.

Hoje não a temos. Não por uma qualquer razão política, mas porque um vírus nos faz ficar em casa, sem nos permitir contactar com família, amigos, vizinhos. Fazer uma vida «normal». E este é, até agora, o segundo momento mais marcante na minha existência.

Por este motivo, nesta edição, recordamos o 25 de Abril de 1974 e a participação da unidade militar de Lagos, na Revolução. Serão, eventualmente, factos desconhecidos de muitos lacobrigenses.

Por sua vez, o nosso colaborador Artur Jesus brinda-nos com um oportuno e excelente texto que relata os acontecimentos ocorridos no Porto, em 1899, quando essa cidade ficou sitiada devido a uma bactéria.

E resta-nos uma pergunta: que lições tiramos da História? Se houvesse uma só resposta, esta poderia ser: não há bem mais precioso do que a Liberdade. E Vivemos, Livres, em Paz e com Saúde!

Carlos Mesquita

Na «Nova Costa de Oiro» não se utiliza a Reforma Ortográfica de 1990-2008, indevidamente chamada «Acordo Ortográfico».

NOVA COSTA de OIRO



Ficha Técnica:

Director e Editor: Carlos Mesquita

Colaboradores nesta edição: Ana Custódio, Artur de Jesus, Associação Filatélica e Numismática Gil Eanes - Lagos / Alberto Praça, Carlos Conceição, Hugo Palma, José António Nunes, José Francisco Rosa e Osvaldo Montes.

Proprietário: JL, Unipessoal, Lda/Carlos Conceição

Administração: Rua Dr. José Tello Queiróz, lote 14 . 1º E - 8600-707 - Lagos

Sede Social, Redacção e Editor:

Rua D. Xavier, nº 6 – 8600-754 Lagos - Telefone: 00 351 96 705 91 06

Capital Social da Empresa Proprietária:

JL, Unipessoal, Lda/Carlos Conceição com 100% do capital social

Na Internet em: <http://www.novacostadeoiro.com>

Correio electrónico: costa.oiro@gmail.com

A Peste Bubónica no Porto em 1899 e as suas lições

“...o nosso paiz, perante epidemias, está como o desgraçado, atormentado por doença subita, que se vê sem medico e sem botica.”

(Ricardo Jorge – 1858-1939)

Os últimos dias que temos vivido têm constituído um verdadeiro turbilhão emocional de intranquilidade, dúvidas, verdades, meias-verdades, rumores e boatos (muitas vezes infundados) e que passam a ser aceites como a realidade. Subitamente, a nossa sociedade apercebeu-se que a realidade do ameaçador vírus *Covid 19* já não estava no distante Extremo-Oriente, na Península Itálica ou nos ecrãs televisivos. Tornou-se uma ameaça presente e próxima no nosso país, sobretudo na sua zona norte.



Desinfecção de uma Ilha, no Porto - 1899

Aproveitámos esta ocasião para relembrar um importante período da História da Saúde Pública em Portugal e, ao longo das próximas linhas, recordaremos o que aconteceu, quando ocorreu, como se desenvolveu e que lições práticas podemos retirar de um caso bastante mais grave e aplicar no contexto da nossa realidade presentemente vivida.

No dia 4 de Julho de 1899, o médico municipal do Porto, Dr. Ricardo Jorge teve conhecimento de alguns falecimentos que tinham ocorrido na Rua da Fonte Taurina. Com o interesse e agudeza que o caracterizaram, o higienista foi célere no diagnóstico do problema e logo se apercebeu da gravidade da situação: tra-

tava-se de um surto de Peste Bubónica (a conhecida *Peste Negra*).

Ricardo Jorge não se intimidou perante a dimensão da ameaça. Com energia, determinação e coragem entregou-se à tarefa de combater o terrível problema que chegara à cidade do Porto, proveniente da longínqua China. O seu esforço maior e o das autoridades competentes centrou-se em procurar impedir que a peste se alastrasse de forma incontrolável, através do isolamento do Porto, dos doentes e dos focos de infecção.

No dia 24 de Agosto, foi implementado um Cordão Sanitário em torno da cidade, um cerco militar levado a cabo por 2500 homens, composto por forças de In-

fantaria (de Viana do Castelo e de Guimarães) e de Cavalaria (de Chaves e de Aveiro). Complementarmente, o reputado médico implementou rigorosas medidas de obrigatoriedade da higiene pessoal e de ataque a ratos, pulgas e gatos (agentes propagadores do flagelo). Tal deu origem a verdadeiras caças a estes animais por parte da pequenada, sendo o serviço recompensado: sabemos, por exemplo, que os ratos de grandes dimensões entregues numa esquadra de polícia rendiam 20 réis, enquanto os pequenos rendiam 10.

Proibiram-se algumas actividades de lazer, festejos, aglomerações populares e implementaram-se inspecções médicas domiciliárias, ocorreram operações de »»

A Peste Bubónica no Porto em 1899 e as suas lições

»» desinfectão e limpeza de espaços, queimas de casas e de roupas infectadas e foram implementados isolamentos e quarentenas.

Infelizmente, apesar de todos os esforços para a consciencialização em relação ao perigo em que se encontrava, uma parte significativa da população e dos jornais portuenses reagiu violentamente contra as medidas implementadas. Foram levados a cabo comícios públicos e ferozes manifestações de desagrado por parte dos comerciantes, houve desordens diversas, tumultos populares e uma campanha de falsidades, que procurou denegrir todo o esforço para debelar o gravíssimo problema.

Apesar de natural do Porto e de contar com o apoio da classe médica local, Ricardo Jorge, desiludido com a agressividade dos ataques que lhe foram dirigidos, acabou por pedir a sua transferência para Lisboa.

A 22 de Dezembro, foi levantado o cerco militar à cidade e no mês seguinte a peste foi considerada extinta (Janeiro de 1900).

Registaram-se 320 casos e ocorreram 132 mortos. O caso mereceu a atenção da comunidade médica internacional e foi utilizada, pela primeira vez, uma máscara facial, criada pelo médico Afonso de Lemos.

Em 1900, Carlos Alberto da Cunha Coelho, num trabalho consagrado a este surto, registou: “Á volta d’um fóco epidémico, as melhores medidas sanitarias a adoptar, são a vigilância sanitária e a desinfectão rigorosamente applicadas. Muitas vezes a opinião publica obriga os governos a prohibir toda a comunicação entre o fóco epidémico e o resto do paiz. Foi o que succedeu com o Porto.”

Palavras referentes a um caso, sem dúvida, bastante actual, daí o recordarmos nesta breve reflexão. De tudo o que considerámos, ressaltam quatro grandes



Bombeiros desinfectam um caixão, 1899 - Porto

noções e princípios fundamentais: o Isolamento dos Focos Infecciosos, a Higiene (diária, regular, individual), a Limpeza e Desinfectão dos Espaços (privados e públicos) e o Combate aos Transmissores das Doenças (animais nocivos).

A História não é uma realidade enfadonha, inútil ou desconexa. No estudo do Passado está a chave para a compreensão e para a resolução de muitos dos nossos problemas e realidades quotidianas. É importante ouvirmos a sua voz e sabedoria para podermos viver melhor e contribuir para uma existência mais próspera.

Este texto é uma homenagem a um dos maiores nomes da História da Medicina, dos Cuidados Médicos e da Saúde Pública em Portugal: Ricardo de Almeida Jorge. Sem ele, a peste que devastou o Porto jamais teria sido combatida de forma eficaz. Sem ele nunca teríamos a possibilidade de dispor de uma Direcção-Geral de Saúde (cujas origens se situam, precisamente, em 1899 e estão intimamente ligadas às ocorrências na cidade do Porto).

**Artur Vieira de Jesus,
Licenciado em História**

Fontes e Bibliografia:

- “A Direcção-Geral de Saúde – Notas Históricas, por Valentino Viegas, João Frada e José Pereira Miguel, Lisboa, 2006;
- ALMEIDA, Maria Antónia Pires de, “O Porto e as epidemias: saúde e higiene na imprensa diária em períodos de crise sanitária, 1854-56, 1899 e 1918.” In Revista de História da Sociedade e da Cultura, n.º 12, Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 2012.
- COELHO, Carlos Alberto da Cunha, “A Peste do Porto de 1899”, Porto, Imprensa Portuguesa, 1900;
- PONTES, David, “O cerco da peste no Porto – Cidade, imprensa e saúde pública na crise sanitária de 1899”, Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2012.
- <https://radioportuense.com/2018/12/25/a-pesto-negra-que-assolou-o-porto/>



REVISITA MENSAL • ABRIL 1996 • ANO 10 Nº7 • 300\$00

NOVA COSTA de OIRO

sandra boutique

Renovada!

PRIMAVERA - VERÃO
MUDA A MODA!

Rui Mateus
Presidente da Comissão Política do PSD de Lagos

O Partido Socialista tem feito oposição sistemática à cidade que não ao PSD!

Pág. Centrais

24 PÁGINAS

Lagos, Alcoolismo... Insegurança. Pág. 3
A 10 de Junho, Zé A. Arez "faz-se ao mar" ao lame das suas miniaturas Pág. 9

Na edição de Abril de 1996, a Nova Costa de Oiro entrevistou Rui Mateus, à altura presidente da Comissão Política do PSD de Lagos, que declarava que o «Partido Socialista tem feito oposição

sistemática à cidade que não ao PSD!»!

Abordou-se «Lagos, alcoolismo... insegurança», José António Arez mostrou-nos as miniaturas de embarcações pesqueiras e Hélio José recordou o Dr. Paz

Pereira, falecido por esses dias.

E entrevistámos dois protagonistas do 25 de Abril de 1974, em Lagos, que nos recordaram esse dia que marcou o fim do regime fascista, em Portugal.

AMI 5486

Casas do Barlavento



AGÊNCIA IMOBILIÁRIA

Lagos • Alvor • Aljezur



COMPRAR



VENDER



ARRENDAR



ADMINISTRAR

Tel.: +351 282 780 870
www.casasdobarlavento.com

25 de Abril de 1974, em Lagos

O «Dia da Liberdade»



Em frente ao Forte da Ponta da Bandeira: populares e militares do CICA 5 - Lagos (27 de Abril de 1974)

Em 25 de Abril de 1974 ocorreu, em Portugal, uma Revolução que ficou conhecida como a «Revolução dos Cravos», ou, mais simplesmente, «Revolução de Abril». Actualmente é feriado, «Dia da Liberdade», que visa recordar o movimento político e social que depôs o regime fascista português, no poder desde 28 de Maio de 1926.

Esta acção militar foi executada pelo Movimento das Forças Armadas (MFA), com forte apoio popular, e levou à rendição do Presidente de Conselho (Marce-

llo Caetano), e do Presidente da República, Américo Thomaz.

Democratizar, Descolonizar, Desenvolver eram os objectivos programáticos do MFA (os chamados três »D«).

A «Democracia» foi alcançada. Portugal tem uma Constituição desde 1976, que consagra Direitos, Liberdades e Garantias aos cidadãos. As eleições para os órgãos do Poder, através do voto universal, secreto e directo, são livres e transparentes. Hoje há liberdade de pensamento e de Imprensa, de reunião, de

associação. Há Liberdade.

Foi feita a «Descolonização». Os Países que tinham sido colonizados por Portugal (Angola, Moçambique, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste) são hoje independentes. E que seguem os seus caminhos, de acordo com a vontade dos seus respectivos Povos.

Se bem que tenha sido polémica na forma como foi conduzida, o certo é que a Descolonização pôs fim à chamada «Guerra Colonial» nas frentes militares»»

25 de Abril de 1974, em Lagos

O «Dia da Liberdade»



Fotografia: Osvaldo Montes

Em frente ao Forte da Ponta da Bandeira: populares e militares do CICA 5 - Lagos (27 de Abril de 1974)

»» da Guiné-Bissau, Angola e Moçambique, na qual terão morrido cerca de 9 mil soldados portugueses, 20 mil terão ficado com ferimentos e deficiências físicas.

A nível do «Desenvolvimento», o Portugal dos nossos dias é muito diferente do de 1974. O analfabetismo decresceu cinco vezes, a mortalidade infantil caiu do triplo da média europeia para um valor um pouco abaixo dessa média, há um Serviço Nacional de Saúde que independentemente das suas muitas carências e dificuldades não existia no regime fascista, há Segurança Social, há saneamento básico, há uma rede viária e há muito, muito mais. Em suma, e não obstante o muito que ainda pode ser melhorado, o Portugal de 2020 não é, de todo, comparável ao atrasado e retrógrado anterior ao da Revolução de 25 de Abril de 1974.

Existem muitos e variados documentos que relatam a Revolução dos Cravos. São conhecidos os seus antecedentes e os múltiplos factores que estiveram na sua génese. Também se sabem os movimentos das várias Unidades Militares. Mas, eventualmente, será menos conhecida dos lacobrigenses, a participação da



A «parada» do CICA 5 - Lagos - 1969

Unidade de Lagos, o Centro de Instrução de Condução Auto n.º 5 (CICA 5), nas movimentações desse dia e do seu contributo para esse Golpe Militar.

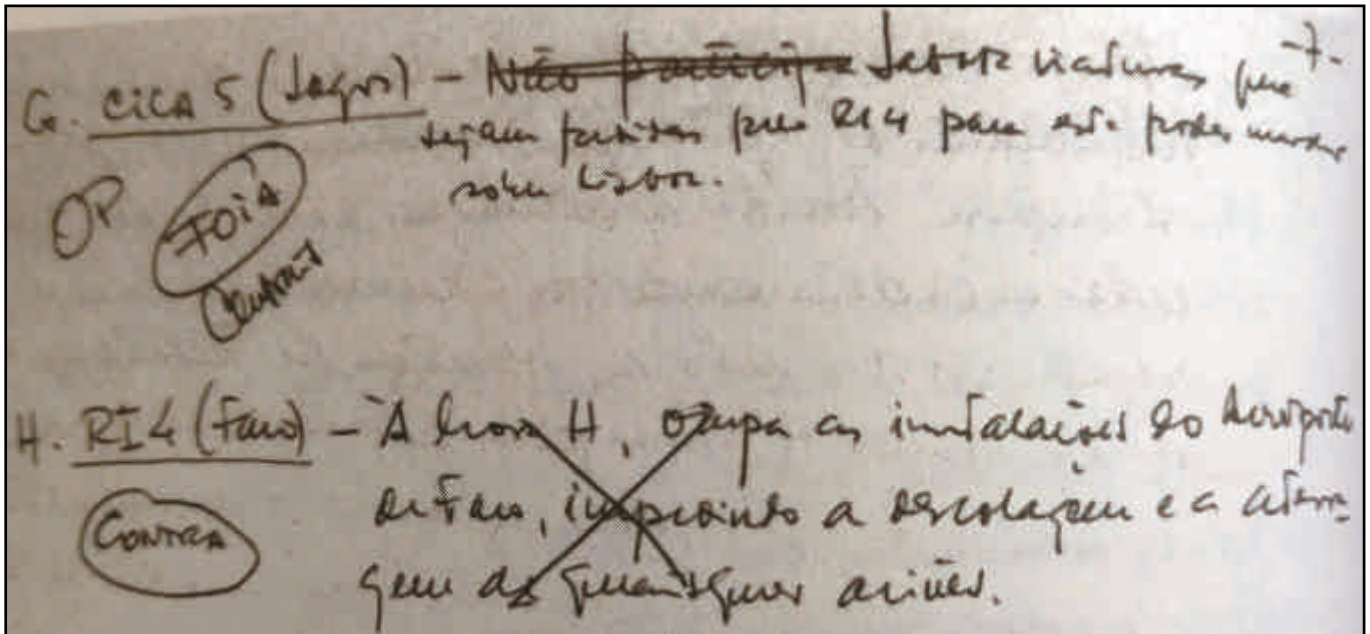
Para tal, iremos recorrer aos depoimentos de Otelo Saraiva de Carvalho, publicados no seu livro «Alvorada em Abril», à entrevista concedida, à Nova Costa de Oiro, em 1996, por Carlos Branco (Major

e segundo comandante do CICA5, de Lagos, em 25 de Abril de 1974, e José Varela (Capitão, que se apresentou nesse dia, no CICA5, para participar na Revolução) e do Capitão José da Glória Alves, em artigo da revista «Visão História», da autoria de Luís Pedro Cabral.

As fotografias que ilustram estas páginas, captadas no dia 27 de Abril de »»

25 de Abril de 1974, em Lagos

O «Dia da Liberdade»



Do livro «Alvorada em Abril», de Oteló Saraiva de Carvalho: a missão do CICA 5 - Lagos



Major Branco e Capitão Varela - 1996



Militares do CICA 5 - Lagos - 27 de Abril de 1974

Fotografia: Osvaldo Montes

»» 1974, são da autoria de Osvaldo Montes, José Alexandre Rosa e de autor desconhecido.

Palavra a **Oteló Saraiva de Carvalho**: «No Comando Territorial do Algarve (CTA) só contávamos a sério com uma das suas três unidades, o CICA 5, de Lagos, já que o RI 4 (Faro) se apresentava contra e o CISMI (Tavira) oferecia fortes dúvidas quanto à sua participação. Dois majores, Castela Rio (comandante)

e Leal Branco, e um Capitão QEO, Campinas, haviam sido contactados dias antes pelos jovens capitães do MFA José Glória Alves e Filipe Ferreira Lopes e haviam aderido ao movimento. Corria tudo sobre rodas e Ferreira Lopes, ao receber a missão no dia 19 à noite em casa de Fernandes da Mota, mostrara-se muito optimista e não pusera qualquer objecção ao cumprimento da missão (ocupação e defesa do centro transmis-

sor de Fóia e não cedência de viaturas ao RI 4) por parte da unidade.

Inesperadas dificuldades surgem em 24 à noite, quando, mesmo após a transmissão do sinal de confirmação através da Rádio Renascença, o major Castela Rio, manifestando claros sinais de embriaguês, recua subitamente da sua posição anterior e se recusa a permitir a actuação da unidade. Evidenciando um comportamento confuso e atrabiliário, »»

25 de Abril de 1974, em Lagos

O «Dia da Liberdade»



Praça Gil Eanes - Lagos - 27 de Abril de 1974

»» alternando períodos de exaltação com outros de depressão, leva os restantes oficiais a não cumprirem a missão partir da Hora H, afirmando no entanto que ela será levada a cabo logo que obtenham confirmação do desencadeamento da acção.

O major, porém, tem medo, e está arrependido dos compromissos que assumiu perante os capitães. Falta-lhe convicção. E agora só pretende ganhar tempo. A leitura do primeiro comunicado do Posto de Comando do MFA, escutado através do Rádio Clube, não lhe altera a atitude. Só então os Capitães informam os oficiais subalternos do que se passa e recebem destes a imediata adesão. Quando pelas cinco e trinta o CTA ordena a entrada da unidade em prevenção rigorosa, o Comandante dá a Glória Alves a missão de contactar com o pelotão que se encontra na Barragem da Bravura, em exercícios de ordem pública, para o fazer regressar ao CICA 5, ao que o

capitão responde que irá recuperar a força mas para a conduzir à Fóia, em cumprimento da missão do MFA. Castela Rio tenta opor-se a Glória Alves, agarra-se ao capitão à porta de armas do quartel e leva a que este seja obrigado, perante as numerosas praças que ali se encontravam, a desvincular-se violentamente, afastando-se do major para, juntamente com Ferreira Lopes, montar em viatura e seguir para a barragem a fim de reunir o pelotão. O pessoal deste adere sem hesitação de qualquer espécie às palavras dos capitães. E pouco passa das sete horas quando se põem a caminho do centro transmissor da Fóia, que ocuparão às sete e cinquenta».

Carlos Branco relata os acontecimentos: «Em Março, cheguei a Lagos. Havia dois Capitães ligados ao Movimento e que já tinham tomado parte em várias reuniões. Eram o Glória Alves e o Filipe Lopes, que entraram em contacto comigo.

Quando se deu a Intentona da Cal-

das (16 de Março de 1974) ainda houve uma tentativa, de nós, em Lagos, tomarmos uma posição favorável ao Movimento das Caldas, mas chegámos à conclusão que não valia a pena.

No início de Abril ainda não sabíamos quando é que viria a ser o «Dia D». Em Lagos, os únicos indivíduos que estavam dentro do Movimento, eram eu (segundo comandante), era o comandante Castela Rio, era o capitão Glória Alves, era o capitão Lopes e era o capitão Campinas. De resto, mais ninguém sabia de nada...

Passados uns tempos, a 22 ou 23 de Abril, de manhã, o capitão Lopes veio ter comigo e disse-me que já tinha recebido a Ordem de Operações para 25 de Abril. A coisa estava feita... A Unidade de Lagos tinha como missão «calar» as antenas da televisão, da rádio e da guarda-fiscal que se localizavam na Fóia. Poderia também vir a ocupar o Aeroporto de Faro (posteriormente, de Lisboa, mandaram-nos avançar só para a Fóia). »»

25 de Abril de 1974, em Lagos

O «Dia da Liberdade»



Praça Gil Eanes - Lagos - 27 de Abril de 1974

Fotografia: José Alexandre Rosa

»» Não dissemos nada às famílias. Vimos para aqui. Estávamos de prevenção, à espera das canções-senhas «Depois do Adeus» e «Grândola Vila-Morena».

Pelas 4 ou 5 horas da manhã, reunimos os militares todos e contámos-lhes o que se estava a passar. Fui eu quem falei com os soldados, sargentos e aspirantes (porque o comandante estava indeciso), e lhes dei a oportunidade de não aderir. Não houve ninguém que se retirasse...

Os dois capitães avançaram para a Fóia, com um ou dois pelotões, «calaram» as antenas e voltaram para Lagos.

Entretanto, o comandante, muito nervoso, aproveitou um momento em que tive que atender uma pessoa, agarrou no telefone e ligou para Faro, onde havia o Comando de Sector... Estragou tudo!

O comandante da GNR de Portimão, um tenente, deixou que os militares do CICA5 voltassem para Lagos, para então ocupar as antenas da Fóia, sob as ordens do regime político anterior.

Posteriormente, através das notícias da rádio soubemos que a Revolução estava ganha e a GNR retirou da Fóia».

A opinião de **Glória Alves**: «estou até



Praça Gil Eanes - Lagos - 27 de Abril de 1974

Fotografia: José Alexandre Rosa

convencido de que a nossa operação não era realmente um objectivo do comando da Revolução. Só à última hora é que eles acrescentaram a lápis à lista dos objectivos a Fóia, com o código Bangkok. Dá-me a impressão que só o fizeram por insistência minha e do Lopes, pelo nosso interesse de fazer alguma coisa pela Revolução».

A sua missão consistiu na ocupação dos transmissores e repetidores da GNR, da Guarda-fiscal e da Legião Portuguesa, instalados no alto da Fóia, ponto mais elevado da Serra de Monchique e que, juntamente com as antenas da rádio e da TV, emitiam para todo o Algarve.

«Nessa noite, tinha o pelotão em exercício na barragem da Bravura, na »»

25 de Abril de 1974, em Lagos

O «Dia da Liberdade»



Fotografia: José Alexandre Rosa

Praça Gil Eanes - Lagos - 27 de Abril de 1974

»» serra do Espinhaço de Cão, entre Lagos e Monchique. [...]

Acordámos a malta e explicámos o que se estava a passar. E qual era a nossa missão no decurso da revolução, embora as notícias do resto do País fossem poucas ou nenhuma. Tínhamos de confiar que tudo estava a correr de acordo com o planeado. Pusemo-nos sobre rodas, a caminho de Portimão, para o alto da Fóia.

Estava uma manhã horrível de vento e chuva. Não encontramos qualquer oposição. A única força que ali estava eram dois homens da Guarda-fiscal, dentro de uma casinhola. Explicámos a situação e eles entregaram logo as suas Mauser». Glória Alves considerou destruir as antenas. Só que, entretanto, chegou ao local um técnico do Rádio Clube, que fazia a manutenção do equipamento e a quem Glória Alves lhe explicou a missão. E foi com visível boa disposição que o técnico

desactivou o equipamento...

Cerca das 11 horas, o major Branco apareceu na Fóia, reportando a Glória Alves que o comandante do CICA 5 tinha contado as ocorrências ao responsável do Comando Territorial do Algarve, que ameaçava enviar uma força para desalojar os ocupantes. Evitando um confronto desnecessário, sabendo que o seu objectivo tinha sido alcançado e que o Movimento progredia em Lisboa, o pelotão regressou, então, a Lagos.

Esclarece Glória Alves: «No Algarve, as pessoas demoraram a reagir: só no dia seguinte é que os populares foram aos quartéis entregar flores e vitoriar, mas ainda a medo». Assim se explica que as fotografias que se conhecem desses dias, em Lagos, e que se reproduzem nas nestas páginas, tenham sido captadas no sábado, dia 27 de Abril e não no dia 25.

Voltamos a Carlos Branco e a José Varela, para lhes perguntarmos se «Va-

leu a pena» esta Revolução? **José Varela** (já falecido), respondeu, assim, em 1996: «Todos os dias!» E **Carlos Branco**: «Voltaria a fazer a coisa em si, mas de outra maneira. Houve muitos erros, fruto da ignorância.

E repetimos, em 2020, mensagens que nos deixaram há 14 anos. Disse **José Varela**: «[...] nas escolas, em casa, em toda a parte onde se puder, deve-se explicar bem o que foi o 25 de Abril.

A maioria dos jovens, hoje, não por culpa deles, não por desinteresse, desconhecem o que foi feito e a atitude heróica dos Capitães de Abril.

Foi muito perigoso esse dia. [...] Devemos explicar à juventude o que se fez e porque se fez.

Nós temos que falar no passado, para se ensinar o futuro».

E para que, como escreveu o poeta Ary dos Santos, que «*agora ninguém mais cerre as portas que Abril abriu!*»!

Uma breve Cronologia



25 de Abril de 1974, 00h20 – O programa Limite da Rádio Renascença transmite a canção “Grândola Vila Morena”, sinal confirmativo de que as operações militares planeadas pelo MFA estão em marcha.

25 de Abril de 1974, a partir das 03h00h – Principais movimentações das forças do MFA, a partir das 3h: Quartel-General da Região Militar de Lisboa, ocupado por uma companhia do BC 5; EPI sai para ocupar o Aeroporto de Lisboa; Companhias de Caçadores ocupam as antenas do RCP; 5.º Grupo de Comandos sai de Tomar para intervir no RC 7; força do RI 14 junta-se à da Figueira da Foz.

25 de Abril de 1974, 03h00 – Um destacamento da EPAM, ocupa os estúdios do Lumiar da Rádio Televisão Portuguesa (RTP).

25 de Abril de 1974, 03h30 – o Major Fernando da Silva Pais, director da PIDE/DGS, telefona ao ministro da Defesa, não lhe relatando qualquer movimentação militar.

25 de Abril de 1974, 03h56 – O Posto de Comando do MFA toma conhecimento que o Governo já sabe de uma «concentração que avança sobre Lisboa», ao interceptar um telefonema do general Andrade e Silva, ministro do Exército, a dar conta da situação ao major Silva Pais, director da PIDE/DGS.

25 de Abril de 1974, 4h20 – O Aeroporto de Lisboa e o Aeródromo Base de Figo Maduro são ocupados pela coluna

da EPI. O capitão José da Costa Martins emite um comunicado interditando o espaço aéreo português e desviando o tráfego para Las Palmas e Madrid.

25 de Abril de 1974, 05h30 – Prof. Marcello Caetano e o comandante Adriano Coutinho Lanhoso, ajudante-de-campo do Presidente do Conselho, entram no Quartel da GNR, no Largo do Carmo.

25 de Abril de 1974, 05h50 – A Escola Prática de Cavalaria ocupa o Terreiro do Paço.

25 de Abril de 1974, 06h30 – Rende-se o pelotão do Regimento de Cavalaria 7, fiel ao Governo.

25 de Abril de 1974, 06h45 – O Posto de Comando toma conhecimento de que Marcello Caetano, Presidente do Conselho de Ministros, está no Quartel do Carmo.

25 de Abril de 1974, 07h50 – Os capitães José Glória Alves e Filipe Ferreira Lopes, à frente de um pelotão do Centro de Instrução de Condução Auto 5 (CICA 5), de Lagos, ocupam o centro retransmissor da Fóia.

25 de Abril de 1974, 09h35 – Forças leais ao Governo constituída por quatro carros de combate, uma companhia de atiradores do Regimento de Infantaria 1 e pelotões da Polícia Militar, comandadas pelo brigadeiro Junqueira dos Reis, 2.º comandante da Região Militar de Lisboa, coadjuvado pelo coronel António Romeiras Júnior e major Pato Anselmo, chegam»»

25 de Abril de 1974

Uma breve Cronologia



»» ao Terreiro do Paço, progredindo pela Rua Ribeira das Naus e Rua do Arsenal.

25 de Abril de 1974, 10h00 – Na Ribeira das Naus, o alferes miliciano Fernando Gomes Sottomayor, do RC 7, não obedece às ordens do brigadeiro Junqueira dos Reis para disparar sobre Salgueiro Maia e as suas tropas, o que leva o brigadeiro a dar ordem de prisão a Sottomayor e a ordenar aos soldados quedisparassem. Perante a recusa de todos, Junqueira dos Reis dispara dois tiros para o ar, abandona o local e dirige-se para a Rua do Arsenal.

25 de Abril de 1974, 10h45 – Na Rua do Arsenal, o brigadeiro Junqueira dos Reis dá ordem de fogo sobre os tenentes Alfredo Correia Assunção e Santos Silva e furriel miliciano Nunes, que foram enviados por Salgueiro Maia para negociar com as forças governamentais. Tendo sido, de novo, desobedecido pelos seus militares, acaba por dar três murros no tenente Assunção.

25 de Abril de 1974, às 11h30 – A coluna da EPC comandada pelo capitão Fernando Salgueiro Maia, é enviada para cercar o Quartel da GNR, no Largo do Carmo, onde se encontravam Marcello Caetano, Rui Patrício, ministro dos Negócios Estrangeiros e Moreira Baptista, ministro da Informação e Turismo.

25 de Abril de 1974, 12h15 – A coluna da EPC, comanda-

da por Salgueiro Maia, chega ao Chiado pela Rua do Carmo, envolvida por uma multidão de efusivos apoiantes civis .

25 de Abril de 1974, 14h30 – Transmissão de novo comunicado do MFA, informando que estavam ocupados os principais objectivos, dando conta do ultimato para a rendição de Marcello Caetano.

25 de Abril de 1974, 16h45 – O General António de Spínola informa (16h45) o Posto de Comando do MFA de ter recebido um pedido de Marcello Caetano para ser ele a receber a rendição do chefe do Governo. Otelo informa-o que o Posto de Comando irá decidir a posição a tomar.

25 de Abril de 1974, 17h00 – Salgueiro Maia entra no Quartel do Carmo, às 17h00, onde fala com o comandante da GNR e exige a rendição a Marcello Caetano, que lhe responde que só se renderia a um Oficial-General para que o Poder não caísse na rua e não desejar render-se a um capitão.

25 de Abril de 1974, 18h00 – O General António de Spínola e o capitão Salgueiro Maia entram no Quartel do Carmo para receber a rendição.

25 de Abril de 1974, 19h00 – O Prof. Marcello Caetano e os ex-ministros Rui Patrício e César Moreira Baptista entram na chaimite Bula, para serem conduzidos em direcção ao quartel da Pontinha.

(Fonte: Cronologia do 25 de Abril, Por Jofre Alves)

25 de Abril de 1974

Era proibido em Portugal!



Até parece que já foi há muitos, muitos, anos... E até custa a acreditar que alguma vez tenha sido assim. Mas, saberão os leitores mais jovens da Nova Costa de Oiro (e recordarão os mais velhos), que, antes da Revolução de 25 de Abril de 1974, durante o regime fascista que vigorou em Portugal desde 1926 até à sua queda, havia muitas coisas que eram proibidas? E várias imposições violentadoras da liberdade de cada um?

Começando pela Escola Primária, recordando a do «Bairro Operário», em Lagos, alunos e alunas tinham aulas em escolas separadas, não podiam conviver entre si e todos eram obrigados a usar «bibes» brancos. Havia um crucifixo na parede da sala, bem como uma fotografia do Presidente da Conselho (actual Primeiro-Ministro) e outra do Presidente da República. A separação entre rapazes e raparigas estendia-se à Escola Industrial local.

As professoras primárias (hoje do En-

sino Básico) precisavam de autorização do Ministério da Educação para poderem casar. Por outro lado, o casamento era vedado às enfermeiras. A isto, acresce que os maridos podiam ir ter com o patrão da mulher e pedirem-lhe para elas serem despedidas. As mulheres casadas também não se podiam deslocar ao estrangeiro sem a autorização do marido, nem andarem na rua sozinhas à noite. As raparigas não podiam usar mini-saia na escola, nem terem os braços à mostra nas salas de aula. Tão pouco podiam andar de mão dada com os namorados e, muito menos, beijarem-se na rua.

O «biquíni» era proibido e não havia a coca-cola à venda. E, para se usar isqueiro, era necessário possuir-se uma licença, que também era obrigatória para se andar de bicicleta.

Os serviços de censura visavam os meios de comunicação social, seleccionavam os livros, os jornais, os discos e os filmes que as pessoas podiam ver. Supos-

tamente, «só» os que exaltavam a moral e os bons costumes e nunca algo que parecesse ser «subversivo» ou que fosse contrário à ideologia conservadora do regime fascista, no que contava com o respaldo da Igreja Católica (salvo algumas raras excepções).

As eleições não eram livres nem democráticas. Não era permitido grupos de pessoas juntarem-se para discutirem ideias contrárias à ideologia vigente.

O regime totalitário dispunha de uma Polícia Política (a PIDE), que contava com inúmeros informadores (os «bufos» que denunciavam as pessoas que manifestassem qualquer tipo de discordância para com o Governo. Estas, caso fossem presas, seriam barbaramente torturadas, presas por anos, ou deportadas para o campo de concentração do Tarrafal.

Antes do 25 de Abril de 1974, Portugal era assim: cultural, social e economicamente atrasado, uma tristeza de País.

Até que se conquistou a Liberdade...



Cuidamos de si como família.



R. Prof. Joaquim Alberto Taquellm,
Lote 8, Loja E • 8600-762 Lagos
Telf: +351 282 762 901



R. Dr. José Francisco de Matos Nunes
da Silva, Lt 5, LJA • 8600-774 Lagos
Telf: +351 282 770 050

www.alacobrigense.pt

PUBLICIDADE

Lagotec

Informática

Assistência Técnica
Hardware
Software
Redes Informáticas
Webdesign

Urb. Marina Sol
Rua Dr. José Francisco Tello Queiróz
Lote 3 - Loja B - 8600-707 Lagos
Tel. 282 788 504 | Tlm. 914 650 100
e-mail: geral@lagotec.pt | www.lagotec.pt

FISIOTERAPIA

Jose M. Marques
Fisioterapeuta

Horário::Segunda a Sexta::8h00 às 13h00::14h30 às 20h00

Rua Brigadeiro Costa Franco (AMEIJEIRA) Lote 5, Loja B
Telef. 282 761 241 Fax 282 789461 LAGOS



LOCAL QUALITY SERVICE
Lagos Transfers
PRIVATE & SHUTTLE
WWW.LAGOSTRANSFERS.COM

PORTUGAL mt

- ✓ PARTILHADO (SHARE)
- ✓ PRIVADO (PRIVATE)
- ✓ PREMIUM (PREMIUM)
- ✓ MOB. REDUZIDA (REDUCED MOB.)

Expressway no stops!
Comfortable Vehicles
Flexible Pick ups
English Speaking Drivers

LOCAL QUALITY SERVICE
LAGOSTRANSFERS.COM



VillasKey
Para vender, comprar ou arrendar contacte a Villas Key!
To sell, buy or rent contact Villas Key!

Tlf: +351 282 149 236 | E-mail: info@villaskey.com
Rua Palos de La Frontera, Lt. 8 Loja B, 8600-707 Lagos
www.villaskeyproperty.com



PRETENDE VENDER OU ARRENDAR O SEU IMÓVEL?
FALE CONNOSCO!
MIMOSA PROPERTIES





**VENDA
COMPRA
ARRENDAMENTO
MANUTENÇÃO
LIMPEZA**


MIMOSA PROPERTIES
RENT
(+351) 282 087 152
www.mimosaproperties.com



Números
Contabilidade & Gestão, Lda
Rua D. Diogo de Sousa, Lote 21 - C/V Esqª 8600-571
LAGOS
Telef. 282770190 Fax 282770199
e-mail: nnumeroscontabilidade@gmail.com
Contabilidade, Geral e Analítica | Gestão de Imobilizado | Estudos Económicos |
Salários e Gestão de Pessoal | Consultoria Fiscal |
Apoio à elaboração de Declarações Fiscais Pessoais - IRS



-  **Extintores | Manutenção | Recargas**
-  **Kit Incêndio para Alojamento Local**
-  **Instalação e Manutenção de Alarmes de Incêndio**
-  **Manutenção de Sistemas de Incêndio – Carreteis**

 **E.N. 125, N.º 1 - Calvário - 8400-011 Lagoa**

 **geral@magilarmes.pt**

www.magilarmes.pt

Rua 25 de Abril 1974, Lagos



Já se chamou «Rua Direita», «Rua Lima Leitão» e «Rua Dr. Oliveira Salazar», mas após a Revolução de 25 de Abril de 1974 viu o seu nome ser novamente alterado, para que assim se perpetue a memória do acontecimento que trouxe a Liberdade e a Democracia a Portugal.

Actualmente, tem o seu início na Rua Lima Leitão (maçónico, médico, político, militar, escritor, e professor, nascido em Lagos, em 17 de Novembro de 1787 e falecido em Lisboa, em 8 de Novembro de 1856) e na Rua Afonso de Almeida (Afonso José d'Almeida Corte-Real, oficial do Santo Ofício Português, natural de Ourique, em dia 28 de Agosto de 1743 e falecido em Lagos, em 11 de Abril de 1832).

Esta artéria lacobrigense tem o seu término na Rua Silva Lopes e na Rua da Vedoria, e foi localmente apelidada de «Direita», por conduzir «directamente» até à Igreja e ao Castelo, unindo desta forma os dois centros da cidade: o da Praça Gil Eanes (do edifício dos Paços do Concelho) à Praça do Infante Dom Henrique.

Esta artéria já foi mais extensa no passado, uma vez que incluía a Rua Lima Leitão, onde se localizou a Igreja do »»



Conhecer e visitar

Rua 25 de Abril 1974, Lagos



»» Compromisso Marítimo (que já foi Quartel dos Bombeiros Voluntários de Lagos e que hoje é o «Mar d'estórias») e o Palácio da Família Baena (parte do Centro Cultural).

A Rua 25 de Abril é uma das mais formosas e movimentadas na chamada «época alta» (o Verão), com habitações «apalaçadas», que ostentam bonitas platibandas e cantarias, azulejos e ferro trabalhado nas sacadas das janelas.

Rua de comércio por excelência, existiram aqui barbearias, três latoarias já extintas e, numa das suas transversais, havia uma tanoaria, onde se fabricavam pipas em madeira, utilizadas para transporte e armazenagem de líquidos. Nos nossos dias, são a restauração e estabelecimentos similares que aqui têm, de forma predominante, os seus negócios.

Os romanos também ocuparam este espaço da cidade de Lagos (Lacóbriga), fazendo dele um importante pólo industrial, como pode ser comprovado pela presença de vestígios de um complexo que incluía salgas, e a lixeira de uma fábrica de cerâmica.

Em dias de pouco movimento, é prazenteiro percorrer esta rua e cumprimentar velhos amigos e vizinhos, e apreciar a sua beleza.



«Postais» (1ª quinzena de Março)



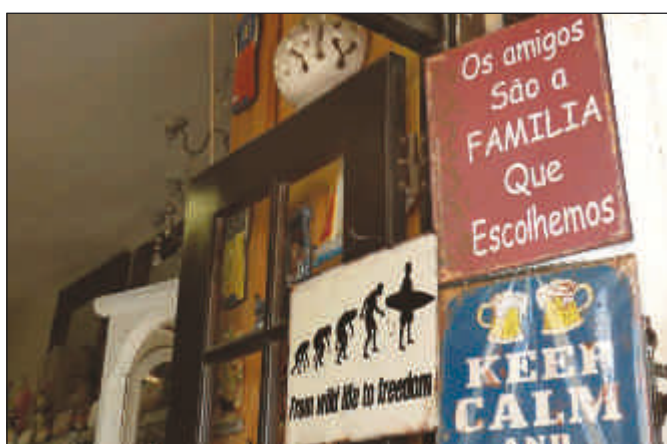
De mão estendida e a pedir «esmola» - Rua Garrett - Lagos



Coins for food, please - Rua da Porta de Portugal - Lagos



Passadeira por pintar - Rua das Juntas - Lagos



Na Rua 25 de Abril - Lagos



A Baía de Lagos, vista da Rua da Capelha (dos Burros)

«Postais» (1ª quinzena de Março)



De mão estendida e a pedir «esmola» - Rua Infante de Sagres - Lagos



Esteve assim, durante meses... Agora, que está arranjada, já «só» falta acabar com o estacionamento abusivo - Lagos



Rua Hospital São João de Deus - Lagos



Destapou e arranjou. Por que não tapou de novo? - Lagos

A Rua Garrett e os táxis



A fotografia do topo, da Rua Garrett, em Lagos, é da autoria de Zambrano Gomes e terá sido captada em 1932.

Segundo a informação da Fototeca de Lagos, que se transcreve, «O homem de chapéu, à esquerda, é o senhor Reis,

concessionário dos carros de praça (frota na imagem) e que foi, também, motorista da carreira de Sagres.

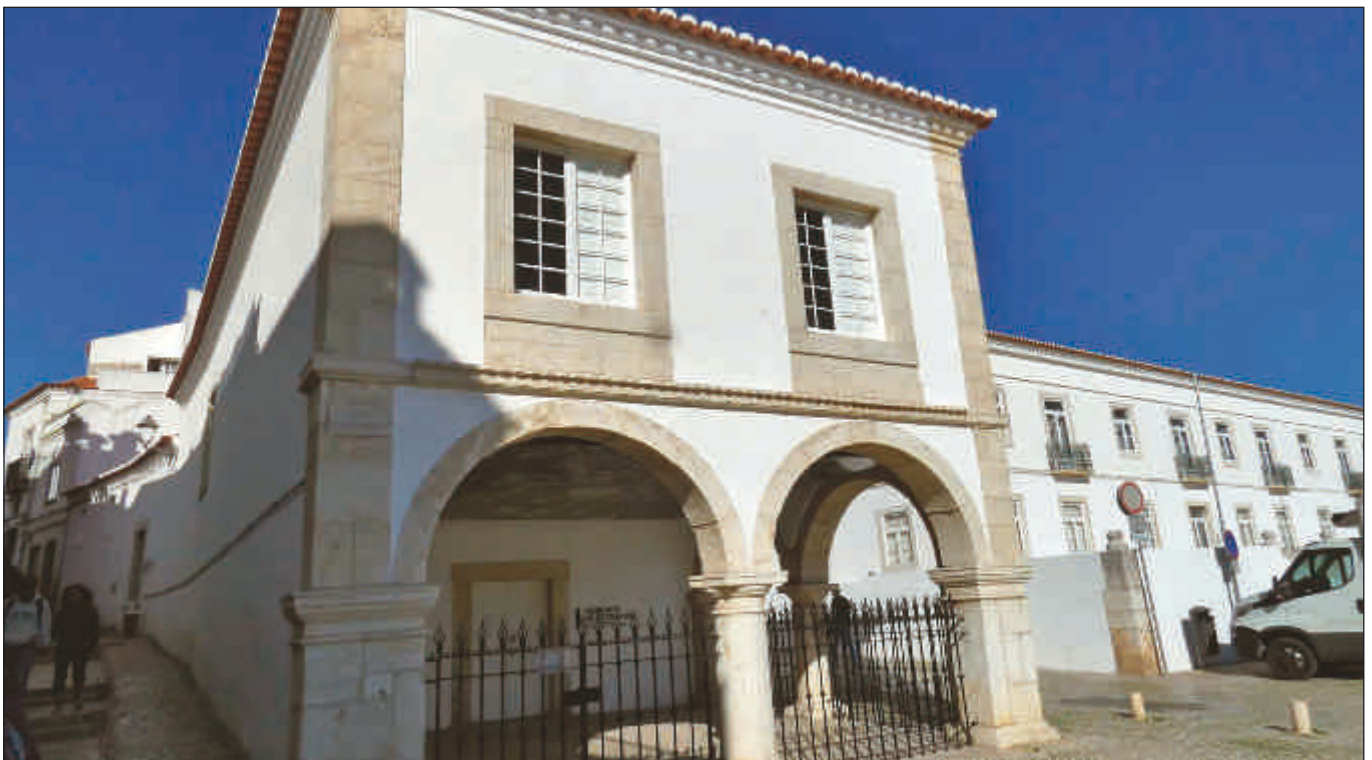
Curiosidades na fotografia da época: o candeeiro de iluminação pública estava suspenso a meio da rua; e o relógio

na esquina com a Rua Marquês de Pombal foi instalado pela relojoaria de Rodrigo Raimundo Rodrigues».

Onde actualmente se encontra uma loja de vestuário, funcionou uma instituição bancária que já não existe.

Lagos ontem e hoje

(Não foi) Mercado de Escravos



Este edifício, situado na Praça Infante Dom Henrique, em Lagos, é conhecido como o do «Mercado dos Escravos».

Na verdade, os escravos africanos que foram barbaramente trazidos e vendidos no século XV, em Lagos, terão sido

transacionados no local onde hoje se situa a Rua General Alberto da Silveira, no final da Rua Silva Lopes e não neste local, que foi utilizado como Casa de Vedoria e Alfândega, Casa da Guarda e Prisão Militar.

Actualmente, é o Núcleo Museológico Rota da Escravatura, que evoca o passado do comércio dos escravos, em Lagos, na época dos Descobrimentos, e que foi constituído em colaboração com o projecto «Rota do Escravo» da UNESCO.



www.luzdoc.com

- **CONSULTAS / Medicina Geral**
- **CONSULTAS / Especialidades**
- **EXAMES COMPLEMENTARES**
- **MEDICINA DO TRABALHO**
- **MEDICINA ESTÉTICA**
- **ENFERMAGEM**
- **DOMICÍLIOS**

CUIDAMOS DA SUA SAÚDE!

Luzdoc: Rua 25 de Abril, 12, 8600-174 Luz, Lagos

T 282 780 700 **F** 282 780 709 **E** info@luzdoc.com

Medilagos: Rua José Ferreira Canelas, Loja 40, 8600-744 Lagos

T 282 788 217 **E** medilagos@luzdoc.com

24H Urgência / Emergency
+351 919 869 700



amamenta
Algarve



COM
ANA CUSTÓDIO

ACOMPANHAMENTO ONLINE

AMAMENTAÇÃO

*

PREPARAÇÃO PARA O NASCIMENTO

algarve.amamenta.net • algarve@amamenta.net

João Cidade, São João de Deus

“Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três; mas a maior destas é a caridade.”

(1.ª Epístola de São Paulo aos Coríntios, Capítulo 13, Verso 13)

Muitos dos leitores nunca terão ouvido falar de João Cidade, nascido em Montemor-o-Novo, no ano de 1495. Contudo, o nome de *São João de Deus*, declarado beato em 1630 e canonizado pela Igreja de Roma em 1690, já será mais familiar. Se existem conceitos que podem resumir quem foi a personalidade sobre a qual nos debruçaremos em seguida, eles estão claramente definidos no trecho bíblico que destacámos: *fé, esperança e caridade*. Vejamos, assim, quem foi João Cidade, o que o tornou notável e qual a sua ligação a Lagos.

Ao longo da sua vida, João Cidade revelou-se sonhador, inquieto, ousado e aventureiro. Muito cedo, as vicissitudes da vida conduziram-no até Espanha. Foi pastor, soldado, criado, ajudante de livreiro e, depois, livreiro ambulante. Como qualquer homem, experimentou a insegurança, as dúvidas e as hesitações. Porém, este português do Alentejo, emotivo, andou sempre à procura de algo mais importante do que as banalidades de uma seca vida material. Foi um homem de fé, um profundo místico cristão, um peregrino que encontrou a sua maior razão de existir nas terras do Sul de Espanha, em Gibraltar e, depois, em Granada. Aqui, nesta imponente cidade andaluza, conhecida pelo esplendor do seu legado islâmico, João Cidade encontrou gentes de muitas proveniências e das mais variadas estratificações sociais. Aqui, também, às portas da cidade, escutou um sermão inflamado do pregador João de Ávila e experimentou uma profunda convicção da sua condição humana de pecador.

João Cidade tornou-se conhecido pela sua atitude perante os outros. Identificou-se com os mais desfavorecidos das ruas e chamou a atenção dos mais poderosos para as suas necessidades.



Estátua erguida em homenagem a São João de Deus, em Montemor-o-Novo

Partilhou a sorte dos enfermos ao longo dos 4 meses em que esteve internado no Hospital Real de Granada (em 1538). Ajudou os cuidadores e, ele mesmo, cuidou dos doentes, revelando um dom extraordinário para os confortar e animar. Decidiu fundar um hospital para cuidar dos mais necessitados. Em 1539, reuniu importantes apoios e iniciou a sua obra caritativa num pátio, até que conseguiu alugar uma casa onde acolheu muitas pessoas, dispendo de 46 colchões e fornecendo, a cada um, duas mantas e um travesseiro. A sua obra de assistência

social chamou a atenção das autoridades eclesiásticas, que lhe concederam um hábito religioso.

João Cidade ficou conhecido como *João de Deus*. Destacou-se pelo amor cristão que dedicou aos seus semelhantes. Percorreu muitas vezes as ruas de Granada, à procura dos mais desprotegidos, dos doentes e de outros marginalizados pela sociedade. As ruas foram o seu campo de acção e área de apostolado. Junto ao seu hospital, criou, igualmente, uma albergaria para os peregrinos e viajantes que por ali passavam. »»

Lacobrigenses

João Cidade, São João de Deus

»» Faleceu em 8 de Março de 1550, no entanto, a sua obra foi continuada e deu origem, em 1571, à Ordem Hospitaleira de São João de Deus, que alcançou uma projecção mundial.

Os continuadores da obra de São João de Deus chegaram a Portugal em 1606 e, ao longo dos tempos, a Ordem destacou-se nas áreas dos cuidados prestados aos feridos de guerra e aos doentes dos foros psiquiátrico e da Saúde Mental.

Através dos Irmãos Hospitaleiros, a obra iniciada por João Cidade chegou, também, a Lagos. Uma das memórias bastante visíveis dessa realidade encontra-se, precisamente, na rua que liga a zona desportiva da Escola Secundária Júlio Dantas à zona onde se situa a sede da Freguesia de São Gonçalo de Lagos, a *Rua do Hospital S. João de Deus*.

Acerca deste hospital, dispomos de várias informações importantes. Alguns autores indicam que os religiosos Hospitaleiros fundaram a sua casa na Ermida de São Pedro, situada na actual Praça Infante D. Henrique, no ano de 1696. Tinham por obrigação tratar dos doentes militares. Acontece que, após a destruição do convento em 1755, ocorreu a sua substituição por um outro, situado à saída da Porta dos Quartos, na zona alta que ficou conhecida por *Hospital Velho*.

O investigador Augusto Moutinho Borges, por sua vez, apresenta-nos outras informações relevantes sobre a presença dos Hospitaleiros em Lagos. Uma análise da sua obra "Reais Hospitais Militares em Portugal (1640-1834)", permite concluir que foi fundado na nossa cidade o Real Hospital Militar em 1662, conhecendo-se, inclusivamente alguns dos membros que aqui faleceram e que aqui estiveram, em finais do Século XVII e inícios do Século XVIII: Frei António Caetano (aqui faleceu em 1696 ou 1697), Frei Pedro (1703), Frei João de Deus Pecedor (aqui falecido em 1704), Frei Domingos da Natividade – Prior, Frei Manuel da Anunciada – Padre Pregador, Frei



Convento e Igreja de São João de Deus, em Montemor-o-Novo

José da Purificação (1704) e Frei Manuel da Purificação – Prior, o Padre-Presidente José da Purificação, o Padre Frei José de Santa Catarina e Frei Jerónimo de Belém (1708).

Entre 1794 e 1803, foi erguido um novo edifício destinado a albergar o Hospital Militar ou Regimental, onde hoje está instalada a Messe Militar de Lagos. É conhecida uma planta e o projecto deste equipamento, com data de 1815, da autoria do Coronel Eusébio de Sousa Soares.

Terminamos, por fim, com uma nota importante. Se Lagos foi um dos pontos mais destacados da gesta das navegações portuguesas, mais importante foi o seu papel enquanto centro militar ao longo de vários séculos.

Uma das principais unidades do Exército Português, o antigo Regimento de

Infantaria de Abrantes teve a designação de *Regimento de Lagos*, no Século XVIII. Na cidade estiveram, igualmente, aquarteladas outras importantes unidades do Exército, como o Regimento de Infantaria N.º 4 (1939-1948) e o Batalhão de Caçadores N.º 4 (1948-1960). O RI 4 foi desactivado em 1961 e, em 1962, o quartel do extinto BC 4 passou a ser utilizado para instalação de Unidades de Reserva. Seguiu-se, em 1965, a constituição do CICA 5 (Centro de Instrução de Condução Auto N.º 5), unidade que participou nas operações militares do Movimento das Forças Armadas no dia 25 de Abril de 1974. Foi extinto em 1975, dando lugar a um destacamento do RI 4, por sua vez extinto em 1976.

**Artur Vieira de Jesus,
Licenciado em História**

Fontes e Bibliografia:

- BORGES, Augusto Moutinho, "Reais Hospitais Militares em Portugal (1640-1834)", Coimbra, Imprensa da Universidade Coimbra e Comissão Portuguesa de História Militar", 2009.
- FONSECA, A. Fernandes da, "Saúde Mental e Humanização – S. João de Deus e a Assistência Hospitalo-Comunitária", Porto, Edições Afrontamento, 1995.
- PAULA, Rui M., "Lagos, Evolução Urbana e Património", Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 1992.
- "Regimento de Infantaria de Faro – Resumo Histórico", Faro, 1978.
- "Regimento de Infantaria de Abrantes – Resenha Histórica", s.d.
- VELOSO, João, "Breve Dicionário da História de Lagos", Lagos, Loja do Livro, 2006.

6ª EDIÇÃO

IMPOSSIBLE KIDS

»»» A BRINCAR, A BRINCAR
DESAFIAMOS O IMPOSSIVEL!

11 OUTUBRO
LAGOS PORTUGAL
2020

INSCREVE-TE:
WWW.IMPOSSIBLERUN.PT

The advertisement features a photograph of two young boys in bright green t-shirts and dark shorts, covered in white foam, as they climb a blue, cylindrical obstacle. The background is a clear blue sky. The text is overlaid on the image in various fonts and colors, including white, green, and black. The overall theme is energetic and playful.



Construção de um novo Lar Residencial Para Pessoas com Deficiência

CAMPANHA CONSIGNAÇÃO IRS

Sem gastar mais, destine 0,5% do seu IRS e 15% do IVA suportado à NECI

Ajude-nos sem gastar nada

CAMPO H

QUADRO 9

CAMPO 901

NIF 503 112 500



Conheça-nos melhor em www.neci.pt

Publicidade

LUZ OCEAN PALMYRA

APARTAMENTOS T2

VISTA MAR E PISCINA

SEA VIEW AND SWIMMING POOL

PRAIA DA LUZ - LAGOS

+351 961 921 897
info@villaskey.com

www.villaskeyproperty.com
www.villaskeygold.com

Desenvolvido por:



Participa:



5 intervenções no parto que podem interferir na amamentação



Ana Custódio

Pensar a amamentação deve acontecer ainda na gravidez. Saber que tudo o que acontece na sala de parto e nas primeiras horas pode interferir com a amamentação já é um bom começo.

Aqui ficam 5 intervenções que podem interferir na amamentação e porquê.

1. Indução do trabalho de parto

A indução do trabalho de parto implica que alguém decide que o bebé tem de nascer, ou precisa de ajuda para acelerar o seu nascimento, ou seja não respeita o tempo do bebé.

O bebé pode apresentar imaturidade pulmonar e neurológica o que pode dificultar a coordenação de sugar - deglutir - respirar essencial para mamar bem.

2. Líquidos intravenosos (soro)

A utilização de líquidos intravenosos, o chamado soro de hidratação, pode inflacionar o peso do bebé à nascença.

O peso do bebé pode vir inflacionado e assim nas primeiras horas ou dias de vida, o bebé vai perder aparentemente mais peso do que o esperado. Pode levar à introdução de suplemento sem necessidade.

3. Epidural

Os químicos usados na epidural, apesar de seguros para mãe e bebé, passam através da placenta e podem comprometer a função respiratória do bebé o que afecta directamente a sua capacidade de **sugar, engolir e respirar**.

Também pode fazer com que o bebé esteja mais sonolento e menos reactivo.



4. Fórceps ou ventosas

Num parto com ventosas ou fórceps o bebé é manipulado e pode ficar com algumas dores ou mal estar. Pode ter dificuldades em mamar devido a esta manipulação. Podem também acontecer episódios de torcicolo, por exemplo, que vai afectar directamente a amamentação, devido à posição em que a boca e língua do bebé vão à mama.

5. Separação mãe/bebé

O bebé deve ficar junto da mãe, pele com pele assim que nasce. Assim o bebé vai usar o seu instinto para procurar a mama e mamar pela primeira vez. Este processo pode levar cerca de 1 hora e não deve ser interrompido.

DICAS para evitar estas intervenções:

- Ter uma doula
- Fazer um plano de parto
- Fazer uma sessão pré-natal
- Assistir a workshops sobre amamentação

É preciso ressaltar que nem sempre as intervenções do parto têm influência negativa na amamentação, mas como não sabemos a reacção do bebé é sempre melhor prevenir.

REFERÊNCIAS:

"Supporting Sucking Skills In Breast-feeding Infants" de Catherine Watson Genna.

Ana Custódio



A nossa colaboradora Ana Custódio apresenta-se, em vídeo, aos leitores da Nova Costa de Oiro.

Para ver, basta clicar nesta ligação:

<https://youtu.be/eSpi3EkPaNE>

Para informações suplementares e eventuais contactos e esclarecimentos, os leitores poderão consultar os seguintes sítios:

Site: <https://algarve.amamenta.net>
 Facebook: Amamenta Algarve
 e-mail: ana.custodio@amamenta.net

Clube das cosmiquices

Fazer «pão ázimo», em casa, sem fermento, nem forno



Vivemos momentos conturbados, difíceis, em que é recomendável que se restrinja o contacto social. Embora no momento em que escrevemos estas linhas seja possível a ida a uma padaria e comprar pão, nada obsta a que não o façamos, em casa, numa receita simples e bastante fácil de executar, em poucos minutos. Aliás, a sua confecção é tão básica, que poderá ser executada em família, com a participação dos mais novos da casa.

Hoje trazemos ao nosso «Clube das Comisquices», o «Pão Ázimo» (também chamado «Asmo» ou «matzo» (ídiche) e «matzá» (hebraico). Este é feito utilizando os seguintes ingredientes: farinha de trigo (sem fermento e é muito importante que não o tenha), água e sal.

Para um quilo de farinha de trigo, sem fermento (realça-se!), deverá utilizar-se meio litro de água fria e sal a gosto (po-

derá ser até 1% do peso em farinha, ou seja, 10 gramas - sabe-se que o sal quando consumido em excesso poderá ser bastante nocivo para a saúde). Poderemos ainda acrescentar um fio de azeite na massa.

Como executar este pão ázimo? Numa tigela mistura-se a farinha e o sal. Adiciona-se a água fria em pequenas quantidades, até que esta fique elástica e homogénea e não se «cole» às mãos. E, por último, poderá juntar-se um pequeno fio de azeite, envolvendo novamente.

Coloca-se a massa, em pequenas bolas, na tábua de trabalho, previamente polvilhada com farinha de trigo, achatando-a com as mãos. Com um rolo apropriado deverá ser então «aberta», até ficar fina (ter o cuidado de não a rasgar, ou «esburacar». Se, eventualmente, assim acontecer, pode sempre «remendar-se», com mais um bocadinho de massa).

Quem não tiver «rolo de massa», em casa, pode recorrer a uma garrafa de vidro, ou, até, ao cabo do «martelo dos bifés». Se quiser que a massa fique bem redonda, poderá colocar um prato invertido sobre a mesma e cortar os «excessos» com uma faca.

Coloque a massa feita numa frigideira anti-aderente, ao lume médio do fogão e cozinhe-a até ficar ao seu gosto. Nós gostamos dela «tostatinha», como se pode comprovar na fotografia captada após a execução.

Não sendo um pão tão saboroso como o que compramos nas padarias, poderá ser servido com mel e ervas aromáticas (alecrim ou tomilho muito picado, por exemplo), ou então como uma entrada «salgada», com um fio de azeite, alho picado e anchovas (biqueirão).

Bom-apetite!

Epicuro

A PENSAR NA SAÚDE E BEM-ESTAR DE TODOS

O município de Lagos ativou o seu Plano de Contingência para minimizar os comportamentos potenciadores da disseminação do COVID -19

Por tempo indeterminado:

- Os equipamentos culturais e desportivos vão permanecer encerrados ao público;
- Os eventos culturais, recreativos e desportivos, as feiras de velharias e as atividades realizadas no Mercado de Levante estão suspensas;
- O Gabinete do Município e restantes serviços de atendimento são assegurados única e exclusivamente através dos canais de atendimento à distância abaixo indicados;
- A suspensão do prazo de pagamento voluntário presencial de todas as taxas, tarifas, preços, rendas e outros tributos municipais;
- Os estabelecimentos de restauração e bebidas só poderão funcionar até às 21 horas, sendo proibida toda a ocupação da via pública no concelho (ex: esplanadas, expositores, etc);
- O serviço de transportes urbanos foi limitado (linhas vermelha, azul, turquesa e cinza d' A ONDA suspensas);
- Os Mercados da Avenida e de Santo Amaro terão o acesso limitado (haverá um número máximo de clientes admitidos em cada momento);
- A emissão de autorizações para animação de rua está suspensa;
- As reuniões de Câmara realizam-se com a presença apenas do executivo municipal.

Estas medidas poderão, a qualquer momento, ser prorrogadas, alteradas e/ou reforçadas em função do evoluir da situação.

Esteja atento à atualização da informação através da página de internet e de Facebook do município.

O município apela à compreensão e sentido cívico de todos, aconselhando a que sejam seguidas com rigor todas as recomendações emanadas pelas autoridades de saúde pública (<https://www.dgs.pt/>)

Contacte-nos através dos seguintes canais:

- Correio eletrónico: expediente.geral@cm-lagos.pt
- Call Center: 282 771 706; 282 780 978; 282 771 702
- Central Telefónica: 282 780 900; 282 771 700; 282 771 775
- Submissão de pedidos online em :
www.cm-lagos.pt; opção "Balcão Virtual"; opção "Pedidos Online"



Coleccionar é aprender...

Uma moeda do Algarve



São raras as vezes em que o Algarve é recordado nas nossas moedas, mas desta vez, a INCM lembrou-se deste recângulo ao Sul.

Da autoria de Catarina Sobral e integrada na série sobre “Espécies Vegetais Ameaçadas”, e designada “Alcar-do-Algarve” planta do género “Tuberaria Major”, foi emitida uma moeda no valor de 5 Euro. Emitida em Cuproníquel na versão corrente e em prata na versão PROOF, tem nesta última a curiosidade de a moeda se apresentar colorida.

O Alcar do Algarve floresce entre Abril e Maio e as suas pétalas amarelas só

duram um dia. A maior colónia está situada na zona adjacente a Faro, onde se encontra implantada a maior concentração mundial de tuberarias, espécie que só existe no Algarve, e deve-se em grande parte à especulação imobiliária, a maior ameaça a esta espécie.

Acabando como começámos, está na hora da INCM se lembrar que região Sul não tem nenhuma das suas lojas, onde os colecionadores se possam deslocar para adquirir os seus produtos. O que melhor que o Algarve, dado o seu intenso fluxo turístico, para promover as nossas moedas junto de quem nos visita?

Fontes:

- INCM
- Fórum dos Numismatas

Associação Filatélica e Numismática Gil Eanes - Lagos
Alberto Praça



Email de contacto:

ass.fil.num.gileanes@gmail.com

«Os nossos objectivos são a promoção e dinamização do coleccionismo em todas as vertentes.

Organizamos Encontros todos os 2^{os} Domingos do mês, para trocas».

Esta Associação tem página no Facebook, que pode ser acedida clicando na ligação abaixo:

<https://www.facebook.com/pg/Associação-Filatética-e-Numismática-Gil-Eanes-Lagos-299499500752800/>

Spaces in between

movement and stillness



«Spaces in Between - movement and stillness», foi o nome da exposição de pintura da autoria de Kerstin Wagner e que esteve no Centro Cultural de Lagos até ao encerramento deste espaço cultural da cidade, por razões de segurança relacionadas com o vírus COVID 19.

A pintora, natural de Colónia, na Alemanha, mas uma apaixonada pelo Algarve, inspirou-se na beleza natural e no azul da região para a criação dos seus quadros.

Motivada pelos tons e vibrações cromáticas do mar e da luz algarvios, usa «três princípios opostos: movimento versus calma, caos versus harmonia e escuridão versus luz.

Através da cor, da técnica, tintas acrílicas e pigmentos, as pinturas fazem ressaltar a forte intensidade e a dinâmica visual, mas igualmente a vastidão, a



profundidade e a harmonia dos ambientes marítimos, ao longo do dia, na diversidade dos seus azuis.

Sobre estes conceitos, Kerstin cria símbolos finais, lembrando mensagens secretas ou ancestrais de murais».

Nos Antigos Paços do Concelho

Cores da Madeira



Esteve patente no antigo edifício dos Paços do Concelho de Lagos, de 1 de Fevereiro até meados do passado mês de Março, a exposição colectiva «as Cores da Ilha da Madeira».

Os trabalhos desta mostra foram executados por alunos do Centro de Estudos de Lagos (CEL) - Universidade Senior de Lagos.

Neste espaço encontravam-se peças

do desfile «Flores da Madeira», que foi realizado e idealizado por Corinne Silva e «Rosa dos Ventos», que teve a coordenação da professora Bernardete Bishop.

O imprevisto aconteceu e...



José Francisco Rosa

A Nova Costa de Oiro tem o grato prazer e a honra de publicar em exclusivo algumas memórias de um lacobrigense de 95 anos, compiladas em trabalho de circulação restrita. Este é um revisitar de Lagos em décadas passadas, de traquinices e tropelias. Mas, e acima de tudo, é um importante registo histórico, que pode e deve servir para memória futura.

O seu autor é José Francisco Rosa, nascido em Lagos, a 21 de Fevereiro de 1924 e que completou os seus estudos em Lisboa, tendo ingressado no ensino aos 20 anos, como Mestre do Ensino Técnico Profissional.



O morto-vivo

...O imprevisto aconteceu, porque o galo não morreu, pois saltou do alguidar, pela cozinha correu e...



Na véspera de terça-feira de Carnaval, Dona Laura costumava matar um galo, para que nesse dia, reunida a família,

lhe fosse servida uma boa cabidela.

Nesse dia, pegou num alguidar de barro, colocou-o no chão mesmo à porta

da cozinha, para receber a claridade da rua, visto esta ser interior e não possuir janela. Amola uma faca na borda do »»

O imprevisto aconteceu e...

O morto-vivo

...O imprevisto aconteceu, porque o galo não morreu, pois saltou do alguidar, pela cozinha correu e...



No Sul de Portugal (no Baixo Alentejo e no Algarve) a cabidela é tradicionalmente confeccionada com batatas

»» alguidar, põe uma cafeteira com água ao lume, para que a água ferva e que serve, depois do galo morto, deitá-la por cima dele, facilitando o depenar.

De seguida, foi buscar uma tigela, deitando no seu interior um pouco de vinagre.

Seu filho, sempre atento na altura das festas às lides caseiras de sua mãe, encontra-se de cócoras, junto ao alguidar e pergunta: — Para que serve o vinagre que deitaste na tigela? Ao que ela lhe respondeu: — Para não deixar coalhar o sangue.

Findos os preparativos e as explicações a seu filho, Dona Laura segura o galo entre as suas pernas, apertando-o com os joelhos e, com a dita faca bem afiada, aplicou-lhe um golpe bem fundo no pescoço, mesmo junto à cabeça.

O golpe foi tão profundo que quase

separou a cabeça da ave do seu pescoço, e o sangue correndo aos borbotões foi canalizado para a tigela, onde o vinagre tinha sido adicionado.

Depois que o sangue deixou de correr, foi o galo já morto e com as patas atadas colocado no alguidar, a fim de ser depenado.

A cafeteira, ao lume, já deitava vapor pelo bico, pois a água já fervia e, Dona Laura julgando que o galo estava mesmo morto, pega na cafeteira e despeja toda a água que ela continha sobre o bicharoco.

Passados alguns momentos e quando ela ia pegar no galo, para o depenar, o imprevisto aconteceu e... o galo dá um enorme pulo, saltando fora do alguidar,

aos saltos e trambolhões, pois tinha as patas atadas, corre pela cozinha com a cabeça a balouçar, quase a se soltar do pescoço.

Dona Laura assustou-se imenso e, seu filho, que estava de cócoras, caiu de cu, tal foi o susto que ambos apanharam.

O caso não era para menos, ao presenciarem aquele inédito e horrível espectáculo.

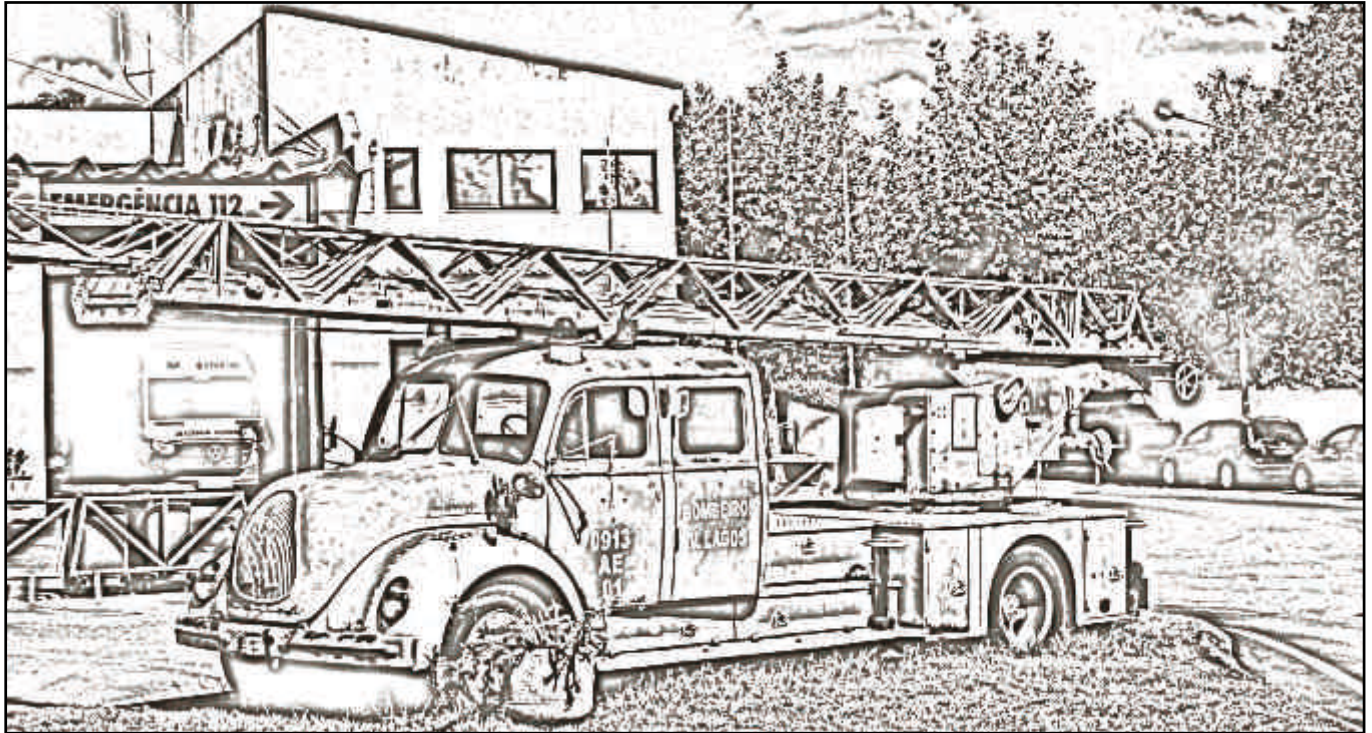
Passado o susto, Dona Laura, ainda trémula, apanhou o bicho, colocando-o novamente no alguidar, de onde não mais se mexeu, sendo então depenado e, por fim, devidamente preparado, para no dia seguinte ser cozinhado e comido por toda a família, como era a tradição.

José Francisco Rosa

(Memória de 1932)

Homem atirado borda fora

ou como um filme de piratas se assemelha à vida real



Nós, Comendadores, sempre atentos à realidade do nosso burgo, tínhamos avisado na última edição da Nova Costa de Oiro que não obstante a aparente paz e serenidade no Partido do Diálogo, a realidade seria outra, bem diferente e terrível, mesmo.

Em sintonia, Aranha Negra, Ká Ká das Crônicas e Toni Falas Santas alertaram para que uma bronca danada iria estalar no Partido do Diálogo. E assim foi!

Paulo Kings, que durante anos foi o comandante supremo dos Homens Bons, foi atirado borda fora do navio que capitaneava. Tal como no conhecido filme «Revolta na Bounty», os marujos revoltaram-se e mandaram-no borda fora da embarcação. Para quem não conhece esta película, deixamos aqui a sinopse da mesma: o capitão do navio Bounty fica de tal forma obcecado em cumprir a sua missão que, em virtude dos seus métodos extremamente rígidos, provoca um forte descontentamento na sua tripulação, o que desencadeia um motim.

No caso do comando dos Homens Bons cá do Burgo, já se esperava este

desfecho, pois há muito que se conheciam as atitudes prepotentes e autoritárias de Paulo Kings, embora a população do burgo pouco soubesse do que se passava nesse navio.

Foi necessária uma investigação de meses, levada a cabo pelo intrépido decano jornalista Zé Azeitoneira, ao serviço da Nova Costa de Oiro, para que o motim da marujagem fosse tornado público.

Embossado e camuflado durante largos meses num posto de abastecimento, a viver durante todo esse tempo dentro do seu carro, num esforço heróico, o corajoso repórter Zé Azeitoneira só sobreviveu graças à prestimosa ajuda do seu colega Paulinho da Selva. Era este quem lhe levava a Tota-Tola e os deliciosos, nutritivos e saudáveis hambúrgues Big Tasty Double, comprados à socapa na loja do Mac Pato Donald. Tudo isto mesmo ali, nas barbas da autoridade. E esta nunca desconfiou que aquele audaz jovem e elegante atleta, vestido com o equipamento do Clube da Descrença, estava ao serviço do verdadeiro jornalismo de investigação.

Quem esteve sempre ao lado do Comandante caído em desgraça e atirado borda fora foi o Paulo Doce D' Amêndoa. Afinal, mesmo num Partido como o do Diálogo, os amigalhaços sempre servem para as ocasiões, ou não será assim?

Evidentemente que com esta atitude altruísta e de solidariedade para com Paulo Kings, não admirará nada se um destes dias o resto dos seus camaradas do burgo, já fartos e fartinhos de o aturar há longos anos, também o joguem borda fora.

Na sua toca, Jó Rico Mecânico, que muitos já pensavam retirado da vida política, segue com a máxima atenção as movimentações do seu partido, pois tem de olhar pelo futuro da sua cria e descendente, o grande e lustroso Hulk Maçã.

Joaquim Xaiota

Todas as Histórias, são pura ficção. Qualquer semelhança entre Personalidades e Lugares existentes no texto, e Personalidades e Lugares da vida real, não passam de pura coincidência.

Decameron, e a Peste Negra

O livro «Decameron» foi escrito por Giovanni Boccaccio, entre 1348 e 1353 (nascido em Florença ou em Certaldo, em 16 de Junho de 1313 e falecido em Certaldo, em 21 de Dezembro de 1375). Boccaccio foi um poeta e crítico literário italiano, especializado na obra de Dante Alighieri.

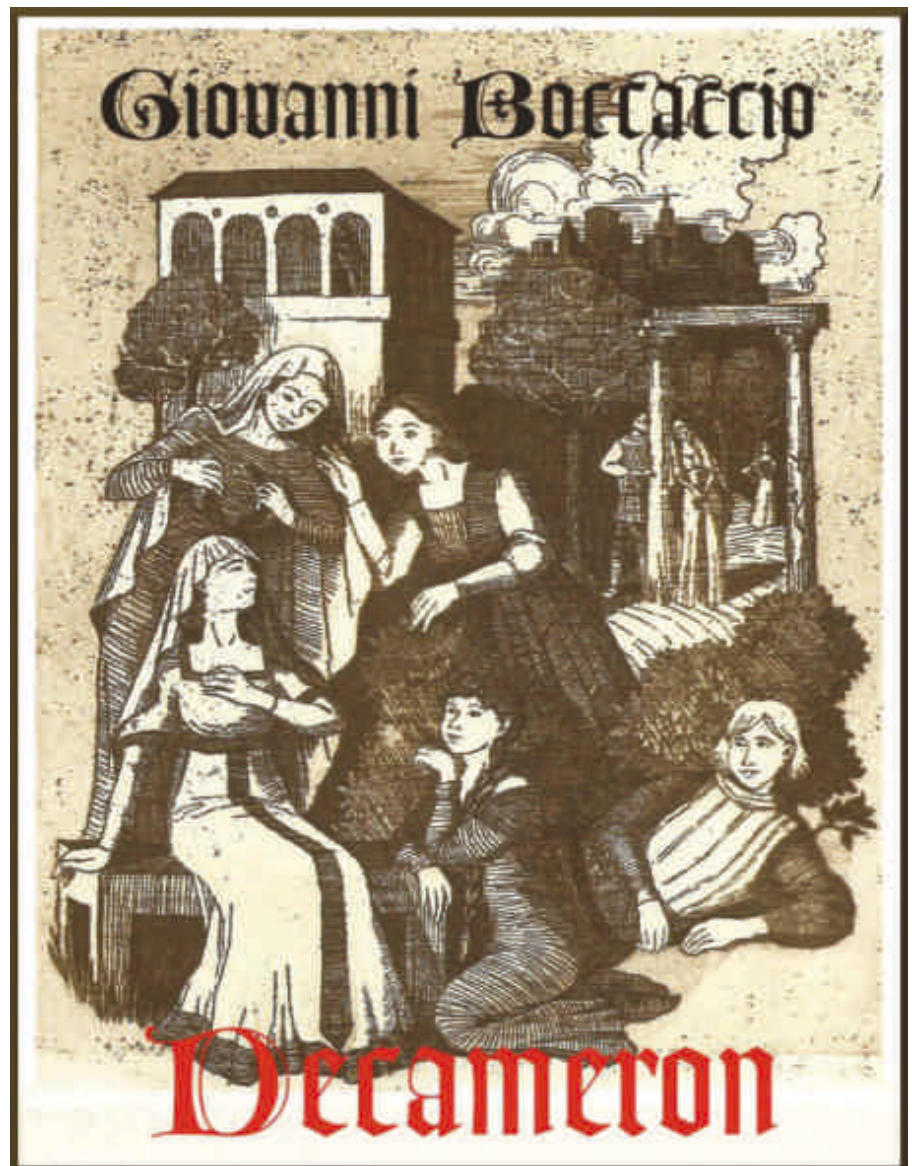
A sua obra mais conhecida é o «Decameron», livro que se encontra disponível para descarga e leitura em PDF, na ligação desta página.

O século XIV foi funesto, na Europa. Estima-se que um terço da população deste continente tenha morrido em consequência da pandemia conhecida como «Peste Negra», ou «Peste Bubónica», doença causada pela bactéria *Yersinia pestis* e que é transmitida ao ser humano através das pulgas, dos ratos-pretos, ou de outros roedores

Boccaccio relata os sintomas desta doença: «Apareciam, no começo, tanto em homens como nas mulheres, ou na virilha ou nas axilas, algumas inchações. Algumas destas cresciam como maçãs, outras como um ovo; cresciam umas mais, outras menos; chamava-as o povo de bubões. Em seguida o aspecto da doença começou a alterar-se; começou a colocar manchas de cor negra ou lívidas nos enfermos. Tais manchas estavam nos braços, nas coxas e em outros lugares do corpo. Em algumas pessoas as manchas apareciam grandes e esparsas; em outras eram pequenas e abundantes. E, do mesmo modo como, a princípio, o bubão fora e ainda era indício inevitável de morte, também as manchas passaram a ser mortais». Os corpos dos mortos amontoavam-se pelas ruas, abandonados, num cenário dantesco, de caos.

É neste contexto de mortandade que Boccaccio escreve «Decameron» (vocábulo com origem no grego antigo: deca, “dez”, hemeron, “dias”, “jornadas”), um livro de 100 contos, contados por dez jovens, (sete raparigas e três rapazes), refugiados nos campos próximos da cidade de Florença.

Face à tragédia que as assolava, as



LINK: <https://drive.google.com/open?id=1JHqpuPAYKAKb7sTM3Du2M6zPBMIQR4Gy>

peças ou se entregavam à luxúria e aos excessos de bebida e de sexo, ou recolhiam-se e refugiavam-se nas suas casas, orando pelo fim da pandemia. Outras, ainda, iam para os arredores da cidade, vagueando sem rumo, para longe da morte quase certa na urbe, o que foi o caso dos protagonistas desta obra ímpar.

O «Decameron» (que foi filmado em nove contos pelo consagrado realizador italiano Pier Paolo Pasolini, em 1971) é considerado como um marco literário na ruptura entre a moral medieval e o realismo, substituindo o divino pela natureza como motivação da conduta humana.

Ousado na abordagem da sexualida-

de, nas aventuras e nas desventuras de muitos, cáustico para a Igreja Católica Apóstolica Romana e para os seus imorais representantes na Terra, «Decameron» é uma Obra Maior e de sempre da literatura mundial, merecedora da maior atenção e reflexão por estes dias.

«Maior era o espectáculo da miséria da gente miúda e, talvez, em grande parte da mediana; pois essas pessoas, retidas em casa pela esperança ou pela pobreza, permanecendo na vizinhança, adoeciam aos milhares; e, não sendo servidas nem ajudadas por coisa alguma, morriam todas quase sem nenhuma redenção».

Alvorada em Abril

A Revolução contada por quem a planeou



A Revolução Portuguesa de 25 de Abril de 1974 foi a última que teve lugar na Europa até aos nossos dias.

Quando saíram para a rua, nessa alvorada de 1974, os militares portugueses pretendiam alcançar três grande objectivos: 1º acabar com a ditadura fascista (que remontava a 28 de Maio de 1926), 2º terminar a chamada Guerra Colonial (que se tinha iniciado em 1961, em Angola) e 3º resgatar o prestígio das Forças Armadas, principalmente no que se referia ao descontentamento com as promoções nos postos de Oficiais Su-

balternos e Capitães a Oficiais Superiores.

Após o fracasso da intentona das Caldas, de 16 de Março de 1974, Otelo Saraiva de Carvalho, então com a patente de Major, elaborou o plano militar de operações que resultou no bem sucedido golpe militar de 25 de Abril.

Foi ele o estratega da acção militar, que dirigiu a partir do Comando instalado no quartel do Regimento de Engenharia nº 1 da Pontinha.

São os antecedentes da Revolução, o que sucedeu nos dias que a antecederam

e o relato dessa quinta-feira, dia 25 de Abril, que podem ser lidos neste livro, publicado em 1977, pela Livraria Bertrand.

Escreve Eduardo Lourenço, no Prefácio: «Colocado no centro de uma acção que num dia longo alterará uma rotina que parecia eterna, Otelo Saraiva de Carvalho está mais indicado do que ninguém para desfiar a trama daquilo que poderia ter sido apenas um golpe militar - desta vez bem-sucedido - e que acabou por ser, quer isso agrade ou não, uma Revolução das mais singulares da nossa História, e singular até no panorama dos movimentos revolucionários contemporâneos».

«Nas vésperas do Dia D, Vasco Gonçalves, que já tinha assistido a fracassos anteriores, cogitava para Vítor Alves (...): 'Ah! Se o Movimento conseguisse ganhar, como era bom daqui por uns dois anos, termos uma social-democracia em Portugal! Mas isto é muito difícil, sabe? Os tipos têm um aparelho muito forte.'

(...) Em 20 de Abril (...) Vítor Alves perguntou-me, céptico, cofiando a barba, qual era a percentagem de probabilidades de êxito que eu atribuía às nossas forças.

- Não entrando em linha de conta com os imponderáveis, garanto uma probabilidade de êxito de oitenta por cento para uma vitória concretizada em doze horas a partir da Hora H.

Vítor manteria, até ao fim, a sua incredulidade. Olhando-me, estupefacto, comentou:

- Booolas! Se me tivesses respondido com vinte por cento de probabilidades eu já tinha achado sensacional! (...) Não estarás, como de costume, a ser demasiado optimista?»?

Otelo Nuno Romão Saraiva de Carvalho nasceu em 1936, em Lourenço Marques (hoje cidade de Maputo), Moçambique e cumpriu três missões durante a guerra colonial.

Depois da revolução, foi nomeado comandante da Região Militar de Lisboa, e Comandante do Comando Operacional do Continente (COPCON).

Houve Fascismo em Portugal

«contar para se saber
saber para não esquecer
houve FASCISMO em Portugal

testemunhos de um cidadão», da autoria de José Veloso, introdução de Carlos Brito, e «dedicatória que é um tributo» a Luís Catarino e a Manuel Campos Lima, foi editado no ano de 2009, em Lagos.

Nesta obra, o autor saúda não só a coerência e a integridade destes dois construtores da democracia, em Portugal, acima citados, mas também «todos os resistentes anti-fascistas portugueses e a sua luta pela liberdade». E sobre esta afirma nas primeiras páginas e em letras capitais: «**Só se percebe a liberdade depois de a perder**».

Nas 103 páginas que compõem esta obra, José Veloso recorda o seu «percurso para a cidadania», desde o ingresso no Curso de Arquitectura, em 1946/47, na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL), «ao voto na candidatura de Humberto Delgado», ou a «solidariedade para com todos os activistas contra o fascismo». Neste capítulo, José Veloso relata o «assalto e ocupação do quartel do Regimento de Infantaria de Beja». Entre os que escaparam a esta malograda intentona, encontrava-se o seu irmão mais novo, Francisco, que fugido das forças do regime na cidade alentejana, obteve asilo durante dois anos, na Embaixada do Brasil, em Lisboa, bem como outros camaradas envolvidos nessa conspiração. Francisco e outros permaneceriam em Portugal, «com a garantia de que não seriam perseguidos nem acusados».

Ainda neste capítulo e recordando Henrique Galvão (que em 1961 tinha preparado e executado com elementos do DRIL o desvio do paquete português Santa Maria - mais tarde baptizado Santa Liberdade - a «Operação Dulcineia», que expôs dessa forma e perante o Mundo o regime fascista português), diz José Veloso: «[...] Henrique Galvão, numa fuga quase rocambolesca, tinha escapado das mãos da PIDE, no hospital onde estava



a ser tratado sob prisão. Não se soube, com pormenor, como havia conseguido fugir. Mas sabe-se que, uma manhã, quando a enfermeira que fizera a vela da noite, Margarida Mesquita, como de costume se despediu com um “Até amanhã, senhor Capitão”, ele respondeu com um incompreensível “Até qualquer dia”. Quando a enfermeira regressou ao hospital, foi-lhe dito que Henrique Galvão tinha desaparecido».

No último capítulo, intitulado «O últi-

mo medo antes da liberdade», descreve a sua ida, sozinho, ao quartel de Lagos (o CICA 5), em 25 de Abril de 1974: «O óculo de vigilância do portão estava fechado. Bati com a mão. O óculo abriu-se, apareceu a cara de um soldado, de capacete [...]. E consegui dizer que vinha falar sobre a colaboração com o Movimento das Forças Armadas! [...] Tinha tido o meu último medo, antes da liberdade.

Era o fim do fascismo em Portugal!»!

Carlos Mesquita

Respect (Respeito)

Pela Orquestra Ligeira de Lagos



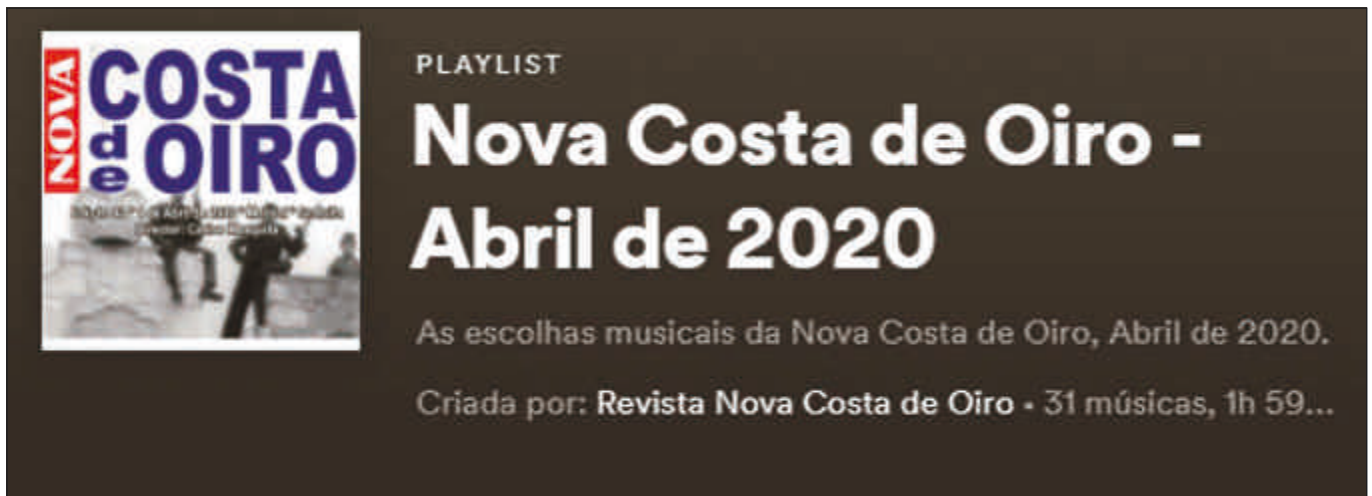
A Orquestra Ligeira de Lagos (OLL) levou ao Centro Cultural de Lagos, no passado dia 7 de Março, um espectáculo de homenagem ao Dia Internacional da Mulher, que intitulou «Respect» (Respeito). Este música foi originalmente composta e interpretada por Otis Redding, em 1965, embora a versão mais conhecida seja a da cantora Aretha Franklin, de 1967, que se tornou um «marco» do movimento feminista.

Participaram neste evento 7 cantoras, 5 das quais formadas na Orquestra Ligeira de Lagos. A cantora de Jazz Manuela Lopes e a fadista Ana Valentim (vencedora do Concurso de Fado de Lagos, de 2019 e que foi acompanhada pelo músico Graham, em acordeão), também abrilhantaram este concerto, bem como o Estúdio de Ballet da Professora Gwenn Morris.

A Associação Madrugada (uma associação de caridade que presta cuidados e apoio a pessoas afectadas por doenças terminais), sediada na Praia da Luz, do concelho de Lagos, recebeu 20% do valor das receitas deste espectáculo.



Damos-lhe música no SPOTIFY



A playlist da Nova Costa de Oiro Abril de 2020

Estamos em Abril, o quarto do calendário gregoriano e tem 30 dias. O seu nome deriva do Latim *Aprilis*, que significa abrir, numa referência à germinação das culturas. Diz-se deste mês que em Abril, águas mil» e que «Abril frio e molhado, enche o celeiro e farta o gado».

Começamos a nossa Playlist com Simon & Garfunkel, um duo norte-americano, popular desde a década de 60, mas que veio a ser mais conhecido por uma nova geração após o seu concerto em Central Park, em 1981. Prosseguimos com Prince, Prince Rogers Nelson e «Sometimes it snows in April», uma das mais conhecidas e belas composições deste norte-americano.

Evocamos a Revolução de Abril de 25 de 1974, com Carlos Paredes, Manuel Alegre, Paulo de Carvalho, José Afonso (as duas senhas musicais que deram início à acção militar). Escutamos Sérgio Godinho, José Mário Branco, Georges Moustaki e Chico Buarque de Holanda (e já murcharam a nossa festa, pá!).

E temos Jazz, pelos seus grandes compositores e intérpretes: de Pat Metheny a Bill Evans, de Ella Fitzgerald a Louis Armstrong...

Muitas e boas razões para escutar esta playlist, «Under April Skies».

- 01 – April Come She Will – **Simon & Garfunkel**
- 02 – Sometimes it Snows in April – **Prince**
- 03 – Un Dia de Abril – **Presuntos Implicados**
- 04 – Abril em Batavia – **Sétima Legião**
- 05 – Abril 74 – **Sílvia Perez Cruz e Raul Fernandez Miró**
- 06 – Nacido El Diez de Abril – **Patxi Andion**
- 07 – Águas Abril – **Bebe e Luís Pastor**
- 08 – Trova do Vento que Passa – **Carlos Paredes e Manuel Alegre**
- 09 – Em Memória de uma Camponesa Assassinada – **Carlos Paredes**
- 10 – E Depois do Adeus – **Paulo de Carvalho**
- 11 – Grândola Vila Morena – **José Afonso**
- 12 – Maré Alta – **Sérgio Godinho**
- 13 – Que Força é Essa? – **Sérgio Godinho**
- 14 – Eu vim de longe – **José Mário Branco**
- 15 – Fado Tropical – **Georges Moustaki**
- 16 – Fado Tropical – **Chico Buarque**
- 17 – Tanto Mar – **Chico Buarque**
- 18 – Aprilwind – **Pat Metheny Group**
- 19 – April In Paris – **Ella Fitzgerald**
- 20 – April In Paris – **Groove Street Quartet**
- 21 – I'll Remember April – **Chet Baker**
- 22 – I'll Remember April – **Bill Evans, Eddie Gomez e Jack DeJohnette**
- 23 – I'll Remember April – **Clarence Ofwerman**
- 24 – April Water – **Agustin Amigo e Lasse Ivonen**
- 25 – Lost April – **Nat King Cole**
- 26 – April In Portugal – **Louis Armstrong**
- 27 – April Story – **Jeong Lee Ryeong**
- 28 – April – **Dancing Years**
- 29 – April – **Juo**
- 30 – A Internacional – **Mário Laginha e Bernardo Sasseti**
- 31 – Under April Skies – **The Jesus & The Mary Chain**

Em Maio na Nova Costa de Oiro

Celebra-se anualmente (em Portugal, em Liberdade e após a Revolução de 25 de Abril de 1974), o 1º de Maio, o «Dia do Trabalhador». Esta efeméride visa celebrar os acontecimentos que tiveram lugar na cidade de Chicago, nos Estados Unidos da América, no 1º de Maio de 1886. Nesse dia, mais de 500 mil trabalhadores saíram às ruas, numa manifestação pacífica, e reivindicaram a redução da jornada de trabalho para oito horas. Quando a polícia tentou dispersar essa manifestação, feriu e matou dezenas de operários.

Na edição de Maio da Nova Costa de Oiro, iremos recordar algumas actividades laborais que hoje já não existem em Lagos, como a dos os aguadeiros (imagem superior), a indústria conserveira (imagem inferior) e a pesqueira (hoje praticamente residual, quando comparada com décadas anteriores).

Iremos pelos campos do município lacobrigense, por figueirais (e a recordação dos almanxares) e de amendoais. E, se houver engenho para tal, no nosso «Clube das Comisquices» iremos falar do «doce fino», do tempo em que não se usavam corantes artificiais no seu fabrico.



Publicidade



Dr^a Luísa R. Marques

**ANALISES
CLÍNICAS**

Horário::Segunda a Sexta::8h00 às 13h00::14h30 às 19h00

**Rua Brigadeiro Costa Franco (AMEIJEIRA) Lote 2, Loja2
Telef. 282 782 817 Fax 282 782 816 LAGOS**

Rua Conselheiro Joaquim Machado, nº 35 Telef. 282 761 242 Lagos

O que se leva
da vida está no
Intermarché.

Inter **marché**

JUNTOS PELO MELHOR E MAIS BARATO

www.intermarche.pt

NOVA COSTA e OIRO

Mensal * Gratuita
Director: Carlos Mesquita



Rigorosamente, no 1º dia de cada mês
no seu PC, Smartphone e Tablet

Disponível em:

www.novacostadeoiro.com

www.correiodelagos.online